



Eu sou o pai dele

Alexandre Santos

Conto escrito em agosto de 2009, que integra a trilogia 'A visita', narrando versão da aventura vivida por um visitante não autorizado à UTI de um hospital. Baseado em caso real.

– Eu sou o pai dele! – respondeu, apontando Fábio, que, desacordado, ocupava o leito frontal a porta da UTI, à médica enfurecida. Sem mais, nem menos, a mulher esbugalhou os olhos e, vencendo a duras custas a vontade de desmaiar, soltou um gritinho, deu uma meia-volta cambaleante, saiu em disparada.

A frase, dita de sopetão, era uma pequena mentira pregada por Anastácio – vizinho do paciente, que, bafejado por uma confluência de raros acasos, passara pela recepção, cruzara o hospital, entrara na UTI e chegara ao leito sem ver ou ser visto por qualquer pessoa. Ele lembrava ter chegado ao hospital há menos de dez minutos. Era tarde, quase meia-noite. Estranhamente, no momento em que chegara, não havia qualquer pessoa na portaria – nem porteiro, nem segurança, nem recepcionista, nem nada. Pouco se lixando para a desorganização, seguiu em frente. A claustrofobia falou alto e, como sempre, evitou os elevadores, preferindo a escadaria, que, depois de quatro ou cinco lances, o entregou sem qualquer barreira ao hall da Unidade de Tratamento Intensivo. Alguma coisa devia estar acontecendo, pois, mais uma vez, não encontrou viva alma. Sem travo, autorização ou orientação, perambulou pela UTI, observando os doentes que jaziam inertes até achar aquele que queria. Em atitude respeitosa, fez uma genuflexão e se plantou diante do leito, chegando a rezar um Pai Nosso pela recuperação de Fábio. De tão compenetrado com a oração – mesmo diante do visor que devassava o corredor –, Anastácio não viu a abrupta chegada da Dra. Gerusa. Revoltada com a visita fora do horário, sem consentimento, sem a assepsia exigida, em trajes de rua – provavelmente infecta e, sequer, sem a cobertura por uma bata higiênica –, a médica o repreendera com vigor, quase aos berros. Assustado com a reprimenda, Anastácio imaginou que, se fosse parente próximo do doente, a presença seria tolerada. Foi quando, num impulso, se disse “pai dele”. Como num passe de mágica, a frase mudou a situação. E mudou drasticamente. Depois de tê-lo esculachado impiedosamente, ao ouvir a única frase proferida por Anastácio, em meio ao início de chlique, a Dra. Gerusa virou-se e saiu em disparada.

“Eu vou é sair daqui”, decidiu Anastácio, que, depois do susto, não entendera a reviravolta na disposição da médica. E, sem esperar para descobrir o porquê da mudança, deixou rapidamente a UTI, percorrendo o caminho inverso que trilhara na entrada. Igualmente sem ser visto, saiu do hospital, ganhando a rua. Em casa, já esquecido da confusão, se deitou e, em poucos instantes, sem saber da confusão que perturbaria o hospital por toda a noite, Anastácio roncava sono profundo.

- Eu juro que vi o homem - Gerusa repetia incontáveis vezes. Interrompida a reunião de emergência com o pessoal do atendimento, o cirurgião-chefe fora o primeiro a correr à UTI e, tendo inspecionado pessoalmente todos os recantos, inclusive os armários, sem achar nada ou ninguém estranho. Intrigado, o médico determinou a revista completa no hospital. Esforço vão, pois a minuciosa busca revelou-se inócua. Segundo a segurança, os doentes e o pessoal do plantão eram os únicos que estavam no hospital. A cada "nada do homem", Gerusa se sentia pior. Uma onda de desconfiança atanzou o pessoal, pois, embora grave, a presença de um intruso no hospital não justificava o descontrole da experiente médica. Ainda não era meia-noite quando, pressionada pelo cirurgião-chefe e pelos calafrios que não paravam de arrepiar-lhe dos pés à cabeça, em lágrimas, a médica contou aos colegas a razão do seu medo.

- O homem - um vulto, na realidade - disse que era o pai de Fábio, mas acontece que o pai de Fábio morreu há mais de dez anos - e, arrancando sucessivos arrepios no pequeno grupo, a médica contou aos colegas que, das inúmeras conversas com a mãe do paciente, soubera parte da história da família, inclusive do acidente que matara o velho Fábio. O relato da médica chocou a todos. A atenção era total. Nem um pio ou piscar de olhos.

- O pai veio visitar o filho... - Gerusa foi sacudida por soluços e um tremor impulsionado por calafrios fez explodir a crise de choro contida até então. Ela não precisava dizer mais nada. O medo tomou conta de todos. O "eu não entro mais lá" anunciado pela enfermeira-plantonista contaminou a todos, abrindo caminho para o caos que deixou os pacientes da UTI sem assistência por algumas horas.

Em poucos segundos a história do fantasma na UTI espalhou-se pelo hospital, provocando uma correria dos diabos. Até os seguranças, homens que se diziam fortes e corajosos como ninguém, se recusaram a passar o pente-fino nos locais ermos. Para enfrentar a coisa do além que paralisava o hospital, impedindo a assistência aos doentes, especialmente os recolhidos à UTI, a direção recorreu ao dedo de Deus. A sala onde o pessoal da UTI estava reunido no começo da barafunda foi convertida em capela e, sem distinção de religião, sexo, profissão ou idade, todos rezaram, oraram, louvaram e invocaram ajuda de todos os santos e de todos os deuses. Chamado às pressas, o capelão rezou uma missa curta e se foi dizendo estar tudo em paz. O pastor de sempre, louvou cânticos especiais de purificação e, talvez com medo de cutucar a onça com vara curta, também se disse satisfeito. Um auxiliar de enfermagem confessou-se da Jurema e convocou um pai-de-santo que, entre um passe e outro, constatou estar o ambiente carregado e repleto de maus espíritos. O dia raiou sem ninguém demonstrar coragem para enfrentar os fantasmas que, todos sabiam, visitavam a UTI.

Ao amanhecer, o desastre: três pacientes dos quatro internados na UTI estavam mortos. Vivo restava apenas Fábio. O médico-chefe ainda pensou em instalar uma comissão de sindicância para apurar se fora a falta de assistência que matara os pacientes, mas, pensando melhor, considerou que já eram pacientes terminais e resolveu esquecer o assunto.

Às sete, quando acordou, sem saber das mortes no hospital, Anastácio soube da crise nervosa que abatera a mãe de Fábio. Aos prantos, ela não parava de dizer que seu filho ia morrer, pois "seu pai viera buscá-lo". Às dez, quando visitou o hospital e soube da morte dos outros e que seu filho permanecia vivo, a mulher disse que o pai dele fora escorraçado pela médica, mas "para não perder a viagem, levava outros três".

Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE)